

GLOSSÁRIOS do CONTEMPORÂNEO

Resumo

Glossários são instrumentos do universo lexicográfico, tradicionalmente organizados como listas de palavras com explicações, as chamadas glosas. Pode-se dizer que já estavam presentes na Antiguidade, mas seu desenvolvimento e popularidade ocorrem na Idade Média, especialmente por conta de professores que utilizaram desse recursos para auxiliar na interpretação de palavras obscuras em textos antigos. Com o tempo, os glossários tornaram-se mais autônomos e costumam ser usados, atualmente, para reunir um conjunto de termos específicos a determinado campo de conhecimento. Dada a complexidade da produção contemporânea em Arquitetura e Urbanismo, busca-se dar atenção para a variedade de seus conceitos e a velocidade com a qual eles são apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos. Este relato de experiência apresenta e analisa uma atividade em curso, envolvendo estudantes de graduação de uma disciplina que trata das teorias e histórias da produção contemporânea em Arquitetura e Urbanismo, cujo recorte temporal está marcado desde a segunda metade do século XX aos dias atuais.

Objetivos e Metodologia

Que diferença há entre um glossário e um vocabulário? Autoras e autores que tratam o assunto apontam para a dificuldade de precisar as definições de obras lexicográficas, isto porque os critérios de classificação e metodologias empregadas para tal não são homogêneos. Cunha e Aguilera (2019) elaboram um quadro para discutir a variedade de critérios, chamam atenção para a distinção feita por Lígia Rivera Domingues que separa, de um lado, léxico e dicionário, e de outro, glossário e vocabulário. O parâmetro de separação é o nível linguístico do corpus. O léxico e o dicionário têm por corpus a língua, enquanto o glossário e o vocabulário, a fala. Os dicionários e os léxicos seriam, para essa autora, obras de codificação da língua e os glossários e os vocabulários, obras de decodificação (DOMINGUES, [1985] *apud* CUNHA; AGUILERA, 2019). A diferença entre glossário e vocabulário parece suscitar problema semelhante de classificação. Independentemente dessas, cabe um parêntese sobre a origem dos glossários. Presentes desde a Antiguidade, conheceram maior desenvolvimento e popularidade na Idade Média. O latim, a língua culta, exigia a elaboração de listas de palavras cujo sentido se desconhecia, daí a origem dos glossários, usados mais pelos professores para auxiliar na interpretação de texto e que estavam, em geral, a eles integrados. Com o tempo, tornaram-se autônomos, assumindo a organização alfabética ou outra sistematização e podendo, inclusive, constituir um conjunto de termos específicos a um campo de conhecimento.

Considerando, portanto, os glossários como obras de decodificação e conjunto de termos específicos de campos de conhecimentos, vimos propondo a elaboração de Glossários a estudantes de graduação de uma disciplina que trata das teorias e histórias da produção contemporânea em Arquitetura e Urbanismo, cujo recorte temporal abarca desde a segunda metade do século XX aos dias atuais. A complexidade da produção contemporânea e a variedade de termos, velozmente apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos requerem guias que nos conduzam pelas searas do presente. Elegemos palavras que consideramos indispensáveis à aproximação de questões contemporâneas e para construir as glosas, preparamos uma bibliografia com textos de áreas afins aos estudos urbanos: sociologia, geografia, economia, história, urbanismo, literatura – levando a uma coleta de termos que se abriu para autores de diferentes origens geográficas e culturais.

Iniciamos a experiência com o *Glossário de Ideias Recebidas*, um inventário das ideias em trânsito na produção atual, remetendo ao "Dicionário das Ideias Feitas" (*Dictionnaire des Idées Reçues*) de Gustave Flaubert, em que o escritor reuniu e comentou os jargões, lugares-comuns e ideias socialmente aceitas em seu tempo (FLAUBERT, 2017). Na edição seguinte elaboramos o *Glossário de Brasília*, entendendo a cidade em suas dimensões moderna e contemporânea, procurando navegá-la através de suas palavras, na forma de um "guia de viagem" (TOPALOV *et. al.*, 2014) pela história e pelo território do Distrito Federal.

Para a terceira edição, propôs-se a elaboração de um *Glossário da Condição Contemporânea*, formado por termos que apresentam diferentes condições, de ordem planetária, advindas de uma mundialização sem precedentes, facilitada pela revolução informacional. Os fenômenos e aspectos analisados nesta edição se caracterizam pela adoção de orientações econômicas neoliberais, por novas formas de trabalho, pela constituição de paisagens de extração com implicações ambientais, enfim, por mundos cindidos por abismos a serem sondados. O conjunto de temas indicados para pesquisa, todos extremamente delicados, exigiram firmeza e sensibilidade por parte dos estudantes, além de um cuidado redobrado nas leituras de outros campos do conhecimento e nos possíveis trânsitos de ideias.

Para a edição mais recente, do semestre 2/2022, desenvolveu-se um glossário com ênfase na atividade projetual, chamado *Glossário de Ações e Reações de Projeto*. Por um lado, de modo a explorar a chamada "crise do objeto" (MONTANER, 2008), convidamos os grupos de estudantes a identificar os "verbos de ação" (LEONÍDIO, 2020; 2021) ou, alternativamente, de reação, que melhor representam os rumos da produção contemporânea. Duas publicações recentes que tratam da realidade brasileira e latino-americana – "8 Reações para o Depois" (ALTBURG; MENEGUETTI; KOZLOWSKI, 2019) e "Urbanismo Ecológico na América Latina" (MOSTAFAVI; DOHERTY; CORREIA; DURÁN CALISTO; VALENZUELA, 2019) – ajudaram a formular uma estratégia de agrupar criticamente, através de verbos, o conjunto aparentemente desconexo

de agenciamentos coletivos sobre o espaço. Por outro lado, buscamos nos aproximar da experiência desenvolvida por Enrique Walker numa série de ateliês de projeto e seminários teóricos em que estudantes exploraram ideias aceitas na cultura arquitetônica contemporânea (WALKER, 2017). Com Walker, entendemos que reconhecer as práticas correntes – até mesmo os clichês – da produção atual serve não apenas para estabelecer um juízo crítico como também para promover sua desestabilização (WALKER; NAJLE, 2014) e, possivelmente, apontar caminhos para novas práticas.

Além da produção textual, apresentados na forma de panfletos impressos e publicados no endereço eletrônico que registra a disciplina, solicitamos às equipes que elaborem ilustrações autorais, como outra camada de interpretação crítica sobre os temas analisados (Figuras 1 e 2). Os trabalhos apresentados mostram o potencial das colagens como instrumento produtor e profanador de imagens e remonta às experiências das vanguardas do século passado, cujas estratégias formais permitiram, no entendimento do historiador Manfredo Tafuri, “[d]egradar os materiais da comunicação comprometendo-os com o banal cotidiano, forçando-os a espelhar-se no pântano agonizante do universo das mercadorias, reduzindo-os a signos vazios e atônitos [...]”¹ (TAFURI, 1980, p. 347, tradução nossa).

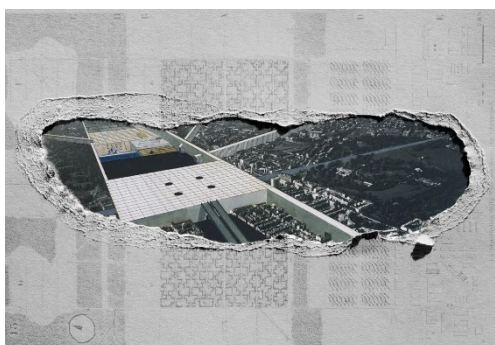


Figura 1: *Sob a Radiosa, o Exodus!*
Colagem digital de L. Bandeira; V. Ayub
para o verbete “Distopia Urbana”, 2021.



Figura 2: *O Comum Feminino.* Colagem
digital de J. Duarte para o verbete “O
Comum”, 2022.

Os glossários são publicados em formato digital, desde sua primeira edição em 2020. A retomada das atividades presenciais, após a condição emergencial da pandemia, reforçou o interesse em produzir as versões impressas dos glossários, publicados na forma de panfletos dobrados que são reunidos em caixas temáticas (Figuras 3 a 6). Todo material é disponibilizado no endereço eletrônico da disciplina, incluindo as bases para impressão e corte das caixas.

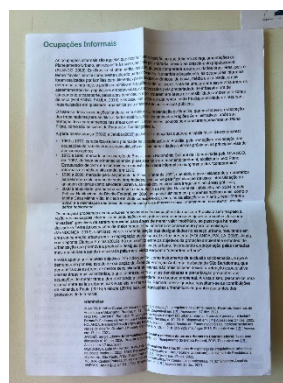
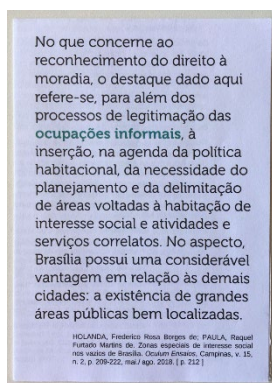
¹ Tradução livre do original: “Degradare i materiali della comunicazione compromettendoli con il banale quotidiano, costringendoli a specchiarsi nell’angosciante palude dell’universo delle merci, riducendoli a segni svuotati e attoniti [...]”



Figura 3: Caixas com as três primeiras edições dos glossários do contemporâneo.



Figura 4: Caixa do *Glossário de Brasília*.



Figuras 5-6: Um dos verbetes, impresso como panfleto.

Propõe-se, com esta atividade, indagar sobre nossos compromissos, dos corpos docente e discente, com o presente e com o futuro. À imagem do anjo da história de filósofo Walter Benjamin, atormentado pela tempestade do progresso que o impede de fechar suas asas e de reunir os fragmentos do passado (BENJAMIN, 2013), poder-se-ia contrapor as do homem-árvore e do poeta-pássaro de Manoel de Barros, não menos “destrutivos” e por isso mesmo não menos desconfiados da “marcha das coisas” (BENJAMIN, 2014), mas que aprenderam com a observação paciente daquilo que se encontra no chão, de tudo que vai se acumulando ao seu redor.

Referências

- ALTBERG, Ana; MENEGUETTI, Mariana; KOZLOWSKI, Gabriel (coord.). **8 reações para o depois = 8 reactions for afterwards**. Tradução: Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/g.kozlowski/docs/200531_8_reactions_book>. Acesso em: 21 out. 2022.
- BARROS, Manoel de. Protocolo vegetal. [1966]. In: BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Tradução: João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas**. Tradução: João Barrento. São Paulo: Autêntica, 2014.

- CUNHA, Claudio de Assis; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do português Brasileiro. **Filologia Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-114, jan./ jun. 2019. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/157934>>. Acesso em 01/12/2022.
- FLAUBERT, Gustave. Dicionário das ideias feitas. *In*: FLAUBERT, Gustave. **Bouvard e Pécuchet**. Tradução: Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. p. 365-382.
- LEONIDIO, Otavio. Mundos de ação: arte e arquitetura depois da política. **Viso**: Cadernos de Estética Aplicada, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 366-440, jan./jun. 2020. Disponível em: <<http://revistaviso.com.br/article/355>>. Acesso em: 21 out. 2022.
- LEONIDIO, Otavio. Desvio-crítica: notas sobre o agir. *In*: MILAGRES, Daniel; ROSENBUCH, Laura; MÜLLER, Manuela (org.). **Autoria crítica: conversas sobre a posição do autor no campo ampliado da arquitetura**. Rio de Janeiro: Numa Editora, [2021]. p. 60-82.
- MONTANER, Josep Maria. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth; CORREIA, Marina; DURÁN CALISTO, Ana María; VALENZUELA, Luis (ed.). **Urbanismo ecológico en América Latina = Urbanismo ecológico na América Latina**. Tradução: Camilla Bogéa, Moisés Puente, Joana Canedo e Paulo Silveira. Barcelona: Gustavo Gili, 2019.
- TAFURI, Manfredo. **La sfera e il labirinto: avanguardie e architettura da Piranesi agli anni '70**. Turim: Giulio Einaudi, 1980.
- TOPALOV, Christian et. al. (org.). **A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades = La aventura de las palabras de la ciudad, a través de los tiempos, de los idiomas y de las sociedades**. Tradução: Alicia Novick. São Paulo: Romano Guerra, 2014. (Coleção RG bolso, 9).
- WALKER, Enrique. **Bajo constricción; El diccionario de ideas recibidas**. Santiago do Chile: Ediciones ARQ, 2017.
- WALKER, Enrique; NAJLE, Ciro. Out of Time 21/ Enrique Walker. Enrique Walker conversa con Ciro Najle. Columbia University, Nueva York, abril/ mayo 2014. **PLOT**, Buenos Aires, p. 160-169. jun./ jul. 2014.